

TRANSLATRIX¹: MULHER E TRADUÇÃO

Lis Doreto Romero²
(lizardoreto@gmail.com)

Resumo: A fim de observar a atuação de mulheres nascidas entre 1900-1950 no campo da tradução, bem como as obras escolhidas por elas para traduzir, o presente artigo, fruto do projeto de iniciação científica intitulado “Levantamento e análise sobre a atuação feminina no campo da tradução na América durante a primeira metade do século XX”, desenvolvido entre agosto de 2015 e março de 2016, na Universidade Estadual de Londrina, busca analisar a importância dos textos traduzidos por essas mulheres no contexto intelectual em que estão inseridas. Para isso, faz-se uso dos pressupostos da crítica feminista como forma de destacar a relação entre a subalternidade da mulher e da tradução. Observa-se que, apesar da diversidade temática dos textos traduzidos, muitos deles se centraram em trazer à luz obras de grande relevância para se pensar nas condições do papel ocupado pela mulher na sociedade.

Palavras-chave: mulher; tradução; crítica literária; América; século XX.

Abstract: In order to observe the performance of women born between 1900–1950 in the translation field as well as the literary works chosen by them to translate, the present article which is born from the Scientific Initiation Project named “Survey and analysis of feminine authorship performance in translation in America during the first half of the twentieth century” conducted between August 2015 to March 2016 at the State University of Londrina, aims to analyze the importance of the texts translated by those women in their respective intellectual context. To this end, the premises of feminist criticism are used as way of highlighting the relationship of subalternity between women and translation. It is observed that, despite the diverse thematic of the translated texts, many of them focuses on bringing to light works of great relevance concerning the conditions of women’s role in society.

Keywords: woman; translation; literary criticism; America; XX century.

Resumen: Con la finalidad de observar la actuación de las mujeres nacidas entre 1900-1950 en el campo de la traducción, así como la selección de obras literarias que tradujeron, el presente artículo, proveniente de las discusiones realizadas en el proyecto de investigación científica “Levantamento e análise sobre a atuação feminina no campo da tradução na América durante a primeira metade do século XX”, desarrollado entre agosto de 2015 a marzo de 2016 en la *Universidad Estadual de Londrina*, pretende analizar la importancia de los textos traducidos por esas mujeres en sus respectivos contextos intelectuales. Para ello, este estudio utiliza como aporte teórico las premisas de la crítica feminista, con el objetivo de poner en relieve la relación entre la subalternidad femenina y la traducción. Se nota que, a pesar de la diversidad temática de los textos traducidos, una parte significativa tiene como enfoque sacar a la luz obras de gran importancia para reflexionar sobre el papel desempeñado por la mujer en la sociedad.

Palabras clave: mujer; traducción; crítica literaria; América; siglo XX.

¹ Palavra de origem inglesa, que significa “tradutora”. “*Translatress (1638), Translatrix (1892): a female translator. (Oxford Historical Dictionary)*”. In: SIMON, 1996, p. 37.

² Graduada em Letras Estrangeiras Modernas com ênfase em língua inglesa pela Universidade Estadual de Londrina. É professora de língua inglesa e atualmente reside em Marília-SP.

Introdução

O campo literário, bem como a sociedade, é regido pelas leis falocêntricas. Nas sociedades patriarcais, o homem representa a cultura, a racionalidade e tudo o que é construído a partir de sua perspectiva, relegando a mulher, portanto, a tudo o que é frágil, sensível, irracional. Dessa forma, não é de se estranhar que, para a inserção da mulher no universo literário, foi necessária muita luta.

O fato de a sociedade patriarcal não aceitar a mulher como dona de sua voz, coloca-a em um lugar silenciado no qual lhe resta apenas obedecer às regras impostas: submissão à figura masculina, confinamento ao espaço doméstico e exercício da maternidade. Assim, diante das leis do patriarcado, as mulheres que nascem com sensibilidade para as artes encontram-se desamparadas por, como aponta Virginia Woolf em seu ensaio chamado *A Room Of One's Own* (1929), em primeiro lugar, serem financeiramente dependentes e, em segundo, por não terem um teto todo seu. Para Woolf, a independência financeira e um espaço para que as mulheres possam produzir sem interferências externas são essenciais. Muitas mulheres, para conseguir ingressar no campo das letras, viram na tradução uma porta de entrada para ecoarem as suas vozes.

Ao se dedicarem às letras, essas mulheres, muitas vezes, assinaram seus trabalhos com pseudônimos masculinos e também se utilizaram do anonimato. No campo da tradução, elas encontraram um espaço para que pudessem disseminar suas ideologias e se fazerem ouvir. Sobre esse aspecto da atuação feminina no campo da tradução, Simon faz a seguinte observação:

Despite its historical status as a weak and degraded version of authorship, translation has at times emerged as a Strong form of expression for women, allowing them to enter the world of letters, to promote political causes and to engage in stimulating writing relationships³ (SIMON, 1996, p. 37).

³ “Apesar de seu status histórico de fraco e de uma versão degradada de autoria, a tradução tem, em tempos, emergido como uma forte forma de expressão para as mulheres, permitindo que elas entrem

De acordo com essas observações, pode-se afirmar que as mulheres atuaram no campo da tradução para compartilhar seus posicionamentos políticos e suas ideologias a fim de criar redes de comunicação em busca de reconhecimento e de valorização. No entanto, assim como a mulher, a tradução também ocupa um lugar marginalizado no campo das letras e na sociedade, e os pilares para essa subjugação podem ser atribuídos principalmente às crenças de que a tradução é um trabalho mecânico e de que é uma cópia do original. Embora a popularidade do fazer tradutório seja muito pequena, a tradução é um trabalho intelectual que demanda muitos saberes, como o conhecimento de mundo, de diversas culturas, linguístico, entre outros.

Dessa forma, este artigo visa a trazer à luz a atuação feminina no campo da tradução. Para isso, pretende-se destacar, em um primeiro momento, a relação entre a subalternidade da mulher e da tradução. Em seguida, busca-se analisar, por meio de alguns exemplos, as escolhas tradutórias realizadas por essas mulheres.

Vale mencionar que este texto é resultado da pesquisa de iniciação científica “Levantamento e análise sobre a atuação feminina no campo da tradução na América durante a primeira metade do século XX”, desenvolvida entre agosto de 2015 e março de 2016, na Universidade Estadual de Londrina, que buscou analisar a participação das mulheres no campo da tradução, no continente americano, na primeira metade do século XX, com o propósito de observar a importância do papel que elas exerceram no cenário intelectual⁴.

Um lugar à margem

Ansiosas por se fazerem ouvir, muitas mulheres ingressaram no campo

no campo das letras, que elas promovam causas políticas e que elas se engajem em relacionamentos de escrita estimulantes.” (Tradução minha).

⁴ O projeto de pesquisa teve orientação da professora Dra. Jacicarla Souza da Silva e contou com financiamento do CNPq.

letrado pela tradução, que, por sua vez, como comentado anteriormente, é considerada uma atividade inferior, ao levar em conta que se trata de uma área de atuação mal compreendida. Sobre essa relação entre mulher, tradução e subalternidade, John Forio (apud SIMON, 1996, p. 1) faz o seguinte apontamento: *“Translators and women have historically been the weaker figures in their respective hierarchies: translators are handmaidens to authors, women inferior to men”*⁵. Em outras palavras, conforme destaca Forio, os tradutores e as mulheres são figuras fracas em suas hierarquias, ocupando funções inferiores em relação aos seus pares. As mulheres, por estarem confinadas em suas casas, pois haviam de cumprir o papel de mãe e de cuidadora do lar, encontraram dentro desse espaço privado uma forma de se fazerem ouvir, de alcançar o espaço público, e isso se deu pela escrita:

*In an intriguing argument, Douglas Robinson suggests, however, that the sixteenth century sees the beginnings of what he calls the “feminization” of translation, a process by which women use the discourse of the translator to give themselves a public voice and to ensure themselves a place in the world of writing*⁶ (SIMON, 1996, p. 43).

Assim, as mulheres transgridem o espaço que lhes foi imposto, subvertendo as normas patriarcais em busca de liberdade para transmitir seus pensamentos e suas ideias. A tradução, portanto, é um meio que algumas mulheres encontraram para se inserir na esfera pública.

Na contramão do que algumas pessoas acreditam, a tradução é, na realidade, um processo trabalhoso que requer alto conhecimento por parte do tradutor o qual transita por duas culturas diferentes em busca de um signo perfeito, se assim se pode dizer. Sobre isso, Haroldo de Campos argumenta que

⁵ “Tradutores(as) e as mulheres têm historicamente sido figuras fracas em suas respectivas hierarquias: tradutores(as) são servos(as) dos escritores e as mulheres são inferiores aos homens.” (Tradução minha).

⁶ “Em um argumento intrigante, Douglas Robinson sugere, entretanto, que, no século 16, começa o que ele chama de ‘feminização’ da tradução, um processo no qual mulheres usam o discurso tradutório para dar-lhes uma voz pública e para assegurar seu lugar no mundo da escrita.” (Tradução minha).

[...] como aquele que tem a possibilidade de recriar o original através das potencialidades da língua de chegada, aquele que tem a obrigação de traduzir um bom poema com outro bom poema; essa possibilidade, mais do que uma liberalidade, uma alforria, cria no tradutor uma responsabilidade que é também criativa, pois a escolha nunca será aleatória e deverá ser sustentável, pois há que haver uma relação de reciprocidade entre original e tradução. (CAMPOS *apud* PIZZI, 2013, p. 93)

Segundo a posição de Campos, o tradutor é o responsável pela recriação da obra que “nunca será aleatória”. Portanto, ao considerar todas as características que um tradutor deve ter, é de se estranhar que esse árduo labor seja pormenorizado.

Quando uma criança não sabe o significado de uma palavra e pede para que a expliquem de outra maneira, é feita uma tradução. Como bem enuncia Octávio Paz (2009, p. 9) “aprender a falar é aprender a traduzir”. Este princípio se aplica também aos adultos, quando estes desconhecem alguma palavra e precisam de uma explicação ou recorrem a um dicionário para que possam entendê-la. Portanto, a tradução não ocorre apenas de uma língua para outra, como também dentro de uma única língua. Assim sendo, Paz faz a seguinte afirmação:

Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Mas esse raciocínio pode se inverter sem perder sua validade: todos os textos são originais porque cada tradução é distinta (PAZ, 2009, p. 15).

Dessa maneira, o argumento de que o texto traduzido é uma cópia do original é questionável, considerando que a ideia de originalidade da própria linguagem inexistiria, de acordo com Paz. A percepção que gira em torno do tradutor como um imitador, o qual simplesmente traduz de forma literal, colabora para reforçar convicções equivocadas sobre essa prática. Sobre o difícil trabalho do tradutor, Octavio Paz salienta:

A tradução é muito difícil – não menos difícil que escrever textos mais ou menos originais –, porém, não é impossível [...] os significados conotativos podem se preservar se o poeta-tradutor consegue reproduzir a situação verbal, o contexto poético em que se inserem (PAZ, 2009, p. 19).

Por conseguinte, temos a tradução como um trabalho complexo, no qual o tradutor tem que buscar palavras na língua de chegada que deem um sentido equivalente ao que elas possuem na língua de origem e que possam representar o jogo de palavras utilizado no texto original, como, por exemplo, as rimas e as ambiguidades da língua. A esse processo é dado o nome de transmutação. Simon, em *Gender in Translation*, discorre sobre as considerações de Jean Starr Untermeyer acerca da tradução:

*Translation must be seen, she argues, as a work of art, 'a thing, whole in itself, the result of a process in which vision as well as technique, from as well as content, merge in a body – soul relationship that assures the vitality and spirit of a creative work'*⁷ (1996, p. 71).

Para Untermeyer, a tradução é um processo artístico. Trata-se, portanto, de uma relação profunda que dá vitalidade e espírito ao trabalho criativo.

À margem da sociedade, as mulheres viram a tradução como uma porta de entrada para o campo das letras, como comentado anteriormente. Tal atividade foi uma forma que elas encontraram para desenvolverem a vitalidade e a criatividade as quais comenta Untermeyer.

Mulheres e tradução: escolhas ideológicas?

⁷ “A tradução deve ser vista, ela argumenta, como uma obra de arte, ‘uma coisa inteira em si mesma o resultado de um processo que as visões, a técnica e o conteúdo integram um único corpo – um relacionamento de alma, que assegura a vitalidade e o espírito de um trabalho criativo’”. (Tradução minha).

Ao se debruçar sobre nomes de mulheres que se dedicaram à tradução, é interessante observar que há, além de figuras conhecidas no universo literário, como Ana Cristina César, Raquel de Queiroz, Lya Luft, Elizabeth Bishop, Ida Vitale, Adrienne Rich, há também uma grande quantidade de nomes desconhecidos, como os de Amaryllis Schloenbach, Berenice Calmasini, Sara de Ibáñez, Barbara Howes, Rosmarie Waldrop, para citar alguns⁸. É importante destacar que, entre os nomes das mulheres norte-americanas, há uma grande dificuldade de se encontrar a atuação feminina canadense, o que revela como essa cultura do extremo norte do continente parece se distanciar das demais produções intelectuais da América.

No tocante ao tipo de tradução exercida por essas autoras, é possível notar que há uma grande quantidade de mulheres que se dedicaram à tradução de obras literárias ao passo que apenas algumas dessas escritoras se ocuparam da tradução de textos teóricos, da tradução juramentada e da tradução de material de ensino. Pretende-se destacar, neste artigo, a representatividade dessas autoras e das obras que elas escolheram traduzir a partir da seleção realizada por elas, levando em consideração não apenas as traduções literárias de autoria feminina, como também as traduções de expressividade cultural.

Ao considerar o contexto social das mulheres que nasceram entre 1900-1950, período em que se centrou esta pesquisa, é essencial observarmos não somente a opressão que elas sofriam pela sociedade patriarcal, como também o contexto histórico em que elas estavam inseridas. Elas puderam vivenciar a I e a II Guerra Mundial, a expansão do fascismo, a Guerra Fria, a luta das sufragistas. Estes acontecimentos, sem dúvida, foram fatores importantes para a escolha de obras a serem traduzidas por algumas mulheres que viram, na tradução, a única

⁸ É importante mencionar que esses dados foram levantados a partir das seguintes fontes: *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, organizado por Nelly Novaes Coelho; nas antologias *Modern American Poetry and Modern British Poetry*, de Louis Untermeyer, e *Concise anthology of American literature*, de George McMichael, e nas seguintes antologias disponíveis on-line: *The Norton Anthology of American Literature* e *Postmodern American Literature Poetry – A Norton Anthology*. Vale ainda destacar que, ao pesquisar sobre as autoras do continente americano da primeira metade do século XX, deparou-se com noventa e quatro brasileiras, onze norte-americanas e sete hispano-americanas.

oportunidade para difundir suas ideologias e seus posicionamentos políticos.

É importante salientar que, se, por um lado, houve traduções realizadas por mulheres cujo conteúdo não foi diretamente ligado ao contexto histórico-político, como, por exemplo, a tradução de *O Médico e o Monstro*, de R. L. Stevenson, feita pela brasileira Edla Van Steen, em 1984, por outro lado, Edla, com mais de 20 livros publicados, entre contos, romances, livros de arte, entrevistas, peças de teatro e alguns títulos publicados em língua inglesa, também traduziu *Aula de canto e outros contos*, da autora neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923).

Cabe mencionar que essa tradução de Edla do livro *Aula de Canto e outros contos* é uma edição de 1985, feita junto a Eduardo Brandão e publicada pela editora Global Editora. No entanto, a versão em língua portuguesa de maior acessibilidade é a da editora Raven, chamada *Aula de Canto e Outros Contos*, cuja tradução foi feita por Julieta Cupertino e publicada em 1999. Em maio de 2016, a editora L&PM Pocket também publicou uma versão dessa obra de Mansfield, também traduzida, curiosamente, por uma mulher, Denise Bottmann. A respeito do texto original de Katherine Mansfield, sua leitura está disponível em diversos *websites*.

Essa última obra chama a atenção pelo fato de Katherine Mansfield ser uma escritora modernista neozelandesa⁹, que publicou textos no final do século XIX e começo do século XX, os quais problematizam a pluralidade do universo feminino, mostrando comportamentos que fogem das convenções impostas à mulher pela sociedade. Pode-se afirmar que Edla, ao escolher traduzir obras de Katherine Mansfield, não apenas decidiu fazer uma tradução, como também fez uma escolha ideológica. O conto que dá título ao livro, “Aula de canto”, ou em inglês “*The singing lesson*”, publicado em 1920, é um texto que aborda questões ligadas ao relacionamento de uma mulher com um homem mais novo, o que, sem dúvida, era um tema bastante ousado para a época em que foi escrito. A personagem principal é a professora Miss Meadows, noiva de Basil, este que envia à professora uma carta

⁹ Cabe lembrar que a Nova Zelândia foi o primeiro país a garantir o sufrágio feminino, em 1893.

na qual desfaz o noivado. Isso faz com que Miss Meadows fique apreensiva, com medo do que as outras pessoas pensariam sobre ela quando o término do relacionamento fosse descoberto: “*She would have to leave school, too. She could never face the Science Mistress or the girls after it got known. She would have to disappear somewhere*¹⁰” (MANSFIELD, 1920, p. 3). Na carta, Basil dizia ainda a amar, e então o narrador mostra o pensamento de Miss Meadows ao se recordar destas palavras de Basil: “*But, my darling, if you love me*” thought Miss Meadows, “*I don’t mind how much it is. Love me as little as you like*¹¹” (ibidem, p. 3). A personagem Miss Meadows incorpora a ideia machista e tradicional sobre o casamento (casar-se jovem e não se divorciar) e também a de que a mulher deve aceitar qualquer tipo de amor, mesmo quando a maltrata ou a faz sofrer.

Outro nome que merece destaque nesse campo de atuação literária é o da escritora, tradutora, poetisa, pintora, jornalista e professora Cecília Meireles. A brasileira traduziu *Orlando*, de Virginia Woolf, publicado pela Editora Globo, em 1948. Virginia Woolf, escritora, ensaísta, editora e crítica literária inglesa, em seu livro ensaístico *A Room Of One’s Own*, publicado em 1929, problematiza a relação entre mulher e literatura, sendo, então, uma das pioneiras da crítica feminista. *Orlando*, escrito por Woolf, em 1928, é título e também nome da personagem principal do romance, um jovem nascido em Londres que é retratado como um ser excepcional, pois vive há mais de quatro séculos. Pajem de Elizabeth I, galã na corte de Rei Jaime e embaixador nos palácios de Constantinopla, Orlando teve um grande amor, Sasha, e é apresentado pelo narrador como uma personagem masculina. No terceiro capítulo do livro, no entanto, após um sono duradouro, Orlando acorda mulher:

Orlando tinha se transformado em mulher – não há como negar. [...]

¹⁰ “Ela teria que deixar a escola também. Ela não ia poder encarar a professora de Ciências ou as meninas depois que soubessem. Teria de esconder-se em algum lugar.” (Tradução minha).

¹¹ “Mas, querido, se você me ama, pensou Miss Meadows, não me importa o quanto você me ama. Você pode me amar só um pouco.” (Tradução minha).

Seu rosto permanecia, como provam os retratos, praticamente o mesmo. [...] Muita gente, considerando isso, e sustentando que uma mudança de sexo é contra a natureza, esforçou-se para provar que (1) Orlando sempre tinha sido mulher, (2) Orlando é, neste momento, homem. Deixemos biólogos e psicólogos decidirem. Para nós é suficiente constatar o simples fato: Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião tornou-se mulher e assim permaneceu daí por diante (WOOLF, 2011, p. 99-100).

Como se pode perceber, Virginia também antecipava a discussão sobre sexo e gênero, que começaria a ser mais profundamente discutida na década de 1980. Vale destacar que a autora de *Romanceiro da Inconfidência* ainda realizou traduções das obras *Bodas de Sangre* e *Yerma*, de Federico García Lorca, publicadas respectivamente em 1960 e em 1963, pela editora Agir do Rio de Janeiro. É importante lembrar que esses dramas lorquianos, assim como em *Orlando*, problematizam a questão do papel da mulher na sociedade.

Ainda sobre as traduções das obras de Virgínia Woolf, a escritora e tradutora Lya Luft traduziu para o português *As Ondas*, romance que aborda questões como a homossexualidade e a promiscuidade, e a escritora, poetisa, tradutora e professora Luiza Lobo traduziu *Ao Farol*, de Woolf, e *Persuasão*, de Jane Austen. Este romance póstumo de Austen problematiza a paixão entre pessoas de diferentes classes sociais. Ambas as escritoras inglesas se destacam por abordarem temas considerados tabus à época em que viviam.

Jane Austen e Virginia Woolf são dois nomes importantes para a crítica feminista, bem como para a historiografia literária de autoria feminina, pois, além de serem mulheres que atuaram no campo das letras quando poucas ousaram em fazê-lo, elas, em suas obras literárias, problematizaram questões polêmicas que denunciaram o machismo e os valores impostos pela sociedade patriarcal. Nesse sentido, não restam dúvidas da importância que as obras dessas autoras tiveram ao serem introduzidas no mercado editorial brasileiro, e essa inserção se dá por meio das traduções que tiveram a colaboração de mulheres.

Se, por um lado, temos mulheres que se preocuparam em trazer à luz esses

importantes textos, que perfazem, em certa medida, uma historiografia literária de autoria feminina, publicados em línguas estrangeiras para o português, Elizabeth Bishop, escritora norte-americana que residiu no Brasil por mais de 20 anos, por outro lado, traduziu para a língua inglesa textos da literatura brasileira, como contos de Clarice Lispector e a obra *Minha Vida de Menina*, da brasileira Helena Morley. Clarice, de acordo com algumas estudiosas da crítica feminista, estaria inserida no que é chamada de segunda fase da escrita de autoria feminina, a fase feminista, uma vez que seus textos buscam combater o patriarcado, como coloca Elódia Xavier:

A obra de Clarice Lispector rompe com esse estado de coisas, pondo em questão as relações de gênero. [...] ninguém discute o valor estético da obra de Clarice e, no entanto, ela traz nas entrelinhas uma pungente crítica aos valores patriarcais (1999, p. 3).

Dessa forma, as produções de Clarice Lispector não apenas tratam de questões cotidianas, da melancolia, do vazio da solidão e do amor, mas também busca desconstruir os ideais patriarcais existentes na sociedade.

Outro nome que merece destaque no contexto latino-americano é o da uruguaia Ida Vitale, tradutora, poetisa, ensaísta, professora e crítica literária. Ela foi exilada pela ditadura em 1974, instalou-se no México, onde conheceu Octavio Paz. Sua contribuição no campo da tradução deu-se com versões em espanhol de textos de Simone de Beauvoir. Bem como Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir contribuiu para o desenvolvimento do pensamento feminista. Ao publicar, em 1949, seu livro *O Segundo Sexo*, Beauvoir denuncia a opressão sofrida pelas mulheres na sociedade patriarcal e também sugere formas para emancipá-las dessa opressão. As ideias de Beauvoir colaboraram para o desenvolvimento do movimento feminista, sendo uma de suas mais conhecidas frases: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Além da atuação feminina no campo da tradução literária, outra área que também se evidencia é a tradução de textos de expressividade cultural. A psiquiatra Betty Milan, formada em Medicina pela Universidade de São Paulo, foi colunista no

jornal *Folha de S.Paulo* e na revista *Veja*, e, além de ter escrito romances, contos e peças de teatro, traduziu escritos de Freud para o português. Ela especializou-se em psicanálise na França com Jacques Lacan, onde atuou como sua tradutora e assistente.

Diante do exposto, pode-se afirmar que, ao selecionar textos como os de Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir, Katherine Mansfield, Jane Austen, Clarice Lispector para traduzir, essas mulheres revelam que compartilham da perspectiva apresentada por essas autoras. Além disso, elas acabam denunciando, por meio da tradução que realizaram, as condições nas quais as mulheres foram e são submetidas na sociedade. Simon (1996), a respeito das escolhas ideológicas que envolvem a tradução feita por mulheres, afirma que:

*Long excluded from the privileges of authorship, women turned to translation as a permissible form of public expression. [...] Women have translated in order to build communication networks in the service of progressive political agendas and the creative renewal of literary traditions*¹² (p. 2).

Simon, portanto, aponta que o fato de as mulheres terem se destinado à tradução se dá, em primeiro lugar, por serem excluídas dos privilégios da autoria e, como o espaço de fala dessas vozes femininas se limitava à tradução, elas necessitavam escolher obras para traduzir que refletissem seu posicionamento político e sua ideologia para, então, construírem formas de se comunicar a serviço de agendas políticas progressivas em favor de uma renovação das tradições literárias.

Nesse sentido, um olhar cuidadoso sobre a atuação das mulheres no campo da tradução é de extrema importância pelo fato de que são poucos os trabalhos que se debruçam sobre essa temática. Diante dessa lacuna, este texto procurou

¹² “Há muito excluídas dos privilégios da autoria, as mulheres viram na tradução uma forma admissível de expressão pública [...]. As mulheres têm traduzido a fim de construir uma rede de comunicação a serviço de agendas políticas progressistas e em busca de uma renovação das tradições literárias.” (Tradução minha).

evidenciar a contribuição feminina no que diz respeito à tradução no continente americano como forma de reconhecer o papel que essas mulheres exerceram no cenário intelectual americano da primeira metade do século XX.

Referências

ALVES, Syntia. García Lorca anunciando a Guerra Civil Espanhola. **Revista contemporânea** – dossiê de história & literatura. Niterói, v. 2, n.4, p. 1-18. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/4_Garcia_Lorca_anunciando_a_Guerra_Civil_Espanhola_4.pdf>. Acesso em: 10 de dez. 2016.

MANSFIELD, Katherine. **The Singing Lesson**. 1920. Disponível em: <<http://www.katherinemansfieldsociety.org/assets/KM-Stories/THE-SINGING-LESSON1920.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. 2016.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Edição bilíngue. Tradução Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte. FALE/UFMG, 2009.

PIZZI, Maria Claudia Bontempi. O tradutor como leitor: o conceito de tradução como leitura/interpretação ilustrado pelas escolhas tradutórias de Ana Cristina Cesar na tradução comentada de *Bliss*, de Katherine Mansfield. **Traduzires**, v. 2, p. 89-99, 2013.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission**. Londres: Routledge, 1996.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Mulheres e Literatura**, v. 3, 1999. Disponível em: <<http://litcult.net/narrativa-de-autoria-feminina-na-literatura-brasileira-as-marcas-da-trajetoria/>>. Acesso em: 09 de dez. 2016.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Recebido em: 16/12/2016

Aceito em: 10/01/2017